



ALCOHOLIZATION PROCESS: REFLECTIONS ON PROBLEMS RELATED TO ALCOHOL CONSUMPTION IN INDIGENOUS COMMUNITIES

PROCESSO DE ALCOOLIZAÇÃO - REFLEXÕES DE PROBLEMAS RELACIONADOS AO CONSUMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS

PROCESO DE ALCOHOLIZACIÓN: REFLEXIONES SOBRE EL PROBLEMA DEL CONSUMO DE ALCOHOL EN COMUNIDADES INDÍGENAS

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco¹, Divane de Vargas²

ABSTRACT

Objective: to present some reflections on problems related to alcohol consumption in Indigenous communities. **Method:** this reflexive study was based on an analysis of texts on the aforementioned topic. **Results:** we focused on the need to separate the concept of “alcoholism/alcohol dependence” from “alcoholization process”, as it goes well beyond a biomedical model. We also discuss the recovery of cultural values and the history of indigenous communities; it is a great challenge to understand the different meanings associated with the use of psychoactive substances in diverse cultures. **Conclusion:** we raise the importance of preventive measures and treatment for alcohol-related problems, as they are not the sole responsibility of indigenous communities, but rather of all those involved in the issue, including health professionals such as nurses, who keep in close contact with great contact with indigenous people, both inside and outside of their villages. **Descriptors:** Indigenous Populations; Health Services; Indigenous; Alcohol.

RESUMO

Objetivo: apresentar reflexão sobre os problemas relacionados ao consumo de álcool em comunidades indígenas. **Método:** estudo reflexivo, alicerçado na análise de textos que versam sobre a temática. **Resultados:** foram organizados na necessidade de distinguir o conceito de “alcoolismo/dependência alcoólica” de “processo de alcoolização”, pois este vai além de um modelo pautado na biomedicina, resgatando a historicidade e os valores culturais das comunidades. Trata-se de um desafio complexo, que necessita compreender os diferentes saberes do consumo de substâncias psicoativas entre os grupos que apresentam diferenças culturais. **Conclusão:** faz-se necessário ressaltar a importância de medidas preventivas e do tratamento em problemas envolvendo o álcool, sendo esses não de responsabilidade única das comunidades indígenas, mas sim de todos os órgãos envolvidos na questão, inclusive os profissionais de saúde, como os enfermeiros, que mantêm grande contato com esta clientela tanto dentro quanto fora das aldeias. **Descritores:** Comunidades Indígenas; Saúde de Populações Indígenas; Álcool.

RESUMEN

Objetivo: presentar una reflexión sobre los problemas relacionados con el consumo de alcohol en comunidades indígenas. **Método:** estudio reflexivo, basado en el análisis de textos que tratan sobre el tema. **Resultados:** la discusión se organizó en base a la necesidad de separar el concepto de “alcoholismo/dependencia del alcohol” del “proceso de alcoholización,” ya que éste va más allá de un modelo basado en la biomedicina, rescatando la historicidad y los valores culturales de las comunidades. Sin embargo, también es un reto complejo que tiene que abarcar los diferentes entendimientos del uso de sustancias psicoactivas entre grupos con diferencias culturales. **Conclusión:** Recalamos la importancia de medidas preventivas y del tratamiento de los problemas relacionados con el alcohol, ya que éstos no son responsabilidad exclusiva de las comunidades indígenas, sino de todos los órganos involucrados en el tema, incluyendo los profesionales de la salud como enfermeras, que mantienen un estrecho contacto con los pueblos indígenas, tanto dentro como fuera de sus aldeas. **Descritores:** Comunidades Indígenas; Salud de los Pueblos Indígenas; Alcohol.

¹Enfermeira, Professora Mestre, Universidade Federal do Amapá/UNIFAP, Doutoranda, Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo/PPGE/USP. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: fmfernandescb@gmail.com; ²Enfermeiro, Professor Livre Docente (Pós-doutor em Enfermagem em Adições), Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiátrica, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo/USP. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: vargas@usp.br

INTRODUÇÃO

O álcool é a droga mais difundida em nossa sociedade desde os tempos mais remotos, mudando apenas o valor cultural atribuído a esta substância. O consumo de bebidas alcóolicas entre os indígenas é proporcionalmente maior do que entre as comunidades não indígenas.¹

Conforme a Fundação Nacional do Índio (2000) o alcoolismo está entre as doenças mais comuns dentro das comunidades indígenas. Pesquisa realizada com os Kaiangá, no Paraná, evidenciou que 29,9% da população estudada já fez uso de bebidas alcóolicas no último ano, sendo que a maior parte dessa percentagem mostrava uso de risco para dependência. A prevalência foi maior entre os homens, correspondendo a um valor de 40,1%, do que entre as mulheres (14,2%).²

Pesquisa feita no Mato Grosso do Sul aponta que 17,6% da população aldeada faz consumo de substância alcóolica.¹ Vale destacar que o álcool consumido vai além das bebidas tradicionais como o caxiri ou dos destilados, no qual se destaca a cachaça, pois os índios também consomem qualquer substância que contenha álcool, tais como álcool doméstico, desodorante e perfume.³

No Mato Grosso, estudo feito entre os Bororós mostrou que grande a presença dos indígenas nas cidades contribui para a alta prevalência de alcoolismo. Dentre a população estudada, 39,5% consomem pinga, 26,3% cerveja, 21% vinho e 8,8% álcool de farmácia. Além disso, os Bororós iniciam o uso em média aos 18 anos de idade.⁴

Segundo o Levantamento sobre os Padrões do Consumo de Álcool e outras Drogas por Povos Indígenas, realizado pela Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas em 2007, que estudou as comunidades Umariçu I e II, no Amazonas; Coroa Vermelha e Barra Velha na Bahia; Barreiro Preto e Brejo Mata Fome em Minas Gerais; Mangueirinha, Palmerinha e Trevo no Paraná; e Jaguapiru e Bororó no Mato Grosso do Sul, a porcentagem de índios que consome bebidas alcóolicas nas regiões supracitadas foi de 48%, 43%, 45%, 37% e 20%, respectivamente. Deste modo, as comunidades do Amazonas são as que mais consomem bebidas, embora 8,9% deles faça uso somente em rituais e festas.⁵

O uso tradicional de bebidas alcóolicas ocorre em diversas situações, desde reuniões, atividades coletivas, competições esportivas, rituais xamânicos e festas tradicionais como o Toré, que é indissociável do caxiri; quanto mais a bebida é consumida, mais animada é a dança e maior o agradecimento. No entanto,

vale lembrar que além do caxiri atualmente a cachaça aparece nestas ocasiões com o mesmo efeito simbólico (elemento de troca e de sociabilidade entre os grupos e entre estes e seres sobrenaturais) dentro de algumas aldeias. A cachaça também é utilizada como objeto de cura dentro das sessões xamânicas.⁶⁻⁷

Uma pesquisa feita entre os Potiguara evidenciou que o uso do álcool está estritamente relacionado à diversão, às festividades e aos rituais indígenas e destacou a cachaça como a bebida mais consumida devido à facilidade de acesso pelo baixo valor de custo.⁸

O uso do álcool em comunidades indígenas tomou proporções diferenciadas ao longo dos anos. Antigamente o uso era associado a rituais místicos e religiosos, ou seja, era pautado no uso tradicional.⁹ Devido à imposição cultural, o problema do uso excessivo do álcool sofreu transformações entre os indígenas.

O padrão do consumo mudou devido ao acesso a bebidas com maior teor alcóolico que antes eram desconhecidas, tais como: o vinho, a cerveja e a cachaça.¹⁰ A mudança no consumo nas comunidades indígenas se deu pelas mudanças na tradição do beber ou nos padrões de consumo com a entrada dos destilados nas aldeias e pela inserção do índio nas sociedades vizinhas. Assim, essa aproximação das comunidades indígenas com a área urbana levou à dispersão e a modificações culturais, sociais, econômicas e educacionais, acarretando o que se pode chamar de aculturação e despersonalização dos indígenas.¹¹

A população indígena se adaptou ao modo de vida da população branca, sendo o alcoolismo a principal consequência dessa aglutinação cultural.¹² Quanto maior o contato dos indígenas com a sociedade envolvente, maior é o risco de exposição ao consumo do álcool, além de outras doenças.¹³ O surgimento de bebidas de alto teor alcóolico nas aldeias é algo contemporâneo à colonização, sendo uma consequência do contato com o “mundo dos brancos”.⁸

Vale mencionar que a cada dia aumenta a migração dos povos indígenas para as cidades brasileiras devido a diversos fatores, tais como: absorção dos indígenas nos mercados de trabalho da região, conflitos por terras ou a falta de estrutura mínima para uma vida digna, como os serviços essenciais de saúde e educação dentro das aldeias, ocasionando assim a ocupação dos indígenas nas cidades brasileiras e em locais marginalizados,¹⁴ configurando-se assim a inserção dos índios

nas periferias e a disseminação de doenças, dentre eles o consumo abusivo de substâncias psicoativas.

Abordar a temática do uso de álcool e outras drogas em populações indígenas não é tarefa tão fácil, pois se faz necessário desarticular o conceito de “alcoolismo” do “processo de alcoolização”, dois termos que, a princípio, parecem ter o mesmo significado, mas em realidade são bem diferentes. Esse é, portanto, um desafio complexo, pois é necessário compreender os diferentes saberes do consumo de bebidas alcólicas entre os grupos que apresentam diferenças culturais, nesse caso os indígenas.

“Alcoolismo” e “processo de alcoolização”: reflexões de problemas relacionados ao consumo em comunidades indígenas

O conceito de alcoolismo é pautado no modelo biomédico e definido como uma doença de causa universal, ou seja, que se manifesta igualmente em todas as culturas. Tal conceito é inspirado na definição preconizada pela Organização Mundial de Saúde e pela medicina moderna, que trata o alcoolismo como uma doença crônica na qual o indivíduo uma vez doente, sempre será doente. O foco é o indivíduo, sem estabelecer conexões com o meio em que vive, e a dependência alcóolica é um processo natural, incurável, podendo até mesmo ser diagnosticado pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM* ou pela Classificação Internacional das Doenças (CID).¹⁵

A conceituação de alcoolismo só emergiu no século XVIII, depois do aumento e da comercialização crescente dos destilados consequente à revolução industrial. Thomas Trotter foi o pesquisador que pela primeira vez referiu o alcoolismo como doença. Magnus Huss em 1849 foi quem iniciou o conceito de “alcoolismo crônico”, caracterizado pelo quadro de intoxicação seguido de sintomas físicos, psiquiátricos ou mistos. Nesse mesmo estudo, a Síndrome de Dependência Alcólica (DAS) é conceituada não como uma doença estática, mas sim como um transtorno que configura ao longo da vida, ou seja, uma enfermidade que depende de fatores biológicos e culturais.¹⁶

Desta maneira, o conceito de alcoolismo sofreu uma evolução, pois antes era considerado um fenômeno puramente organicista, no qual eram focados apenas os malefícios físicos. Atualmente deve-se enfatizar além desses os aspectos psicológicos e sociais, sem esquecer-se da perspectiva histórica e cultural.⁸

Vale destacar que alguns pesquisadores da área afirmam que a população indígena é mais susceptível ao adoecimento da dependência alcóolica devido a questões biológicas, mas é importante frisar que o processo de alcoolização é guiado pelos diferentes contextos que compõem os povos indígenas, sendo que cada um deles possui suas próprias especificidades. Faz-se necessário contextualizar a prática do uso/consumo na cultura e na história, buscando entender o significado cultural pautado nos motivos, nas ocasiões do consumo e nos processos de beber/consumir drogas.³

O uso de álcool não deve ser visto como uma simples ação farmacológica, pois após a ação da substância cada pessoa age conforme a cultura e sociedade do ser bebedor, ou seja, os comportamentos variam de acordo com o consumo específico de cada cultura⁶. O álcool modifica o comportamento das pessoas devido à alteração do estado de ânimo e de consciência, e essa alteração de comportamento é relativamente relacionada ao grupo ao qual o indivíduo pertence, sofrendo diversas variações entre os grupos devido aos valores culturais.¹¹

O abuso do álcool é visto como um fenômeno complexo, ocasionado por diferentes fatores, dentre eles o contexto sociocultural, que tem função determinante nos diversos tipos de comportamento relacionados à ingestão do álcool.¹⁵

Em se tratando de povos indígenas essa mesma autora afirma que existem variações no modo de beber:

“a maneira de beber, como beber e quando beber nas culturas indígenas tem sido definido pela etnia específica, e o consumo de bebidas fermentadas é uma manifestação das atividades constitutivas para o grupo social, expressando sensações e valores particulares”^{10:86}

Deste modo, deve-se considerar o contexto do uso do álcool, a cultura e a historicidade de cada comunidade. Não se deve focar apenas o uso problemático, mas sim investigar o consumo do álcool nas culturas específicas.

Em suma, “alcoolismo” ou “dependência alcóolica” seria focado no modelo biomédico, um conceito que perpassa pelos problemas relacionados, enquanto que o “processo de alcoolização” engloba todos esses conceitos, pautado no contexto em que se vive. Essas definições podem ser melhor visualizadas pela proposta de um modelo de interação dos conceitos de alcoolização, problemas relacionados ao uso de álcool e dependência do álcool como evidenciamos na Figura 1 abaixo¹⁷:



Figura 1. Modelo de interação dos conceitos de alcoolização, problemas relacionados ao uso de álcool e dependência do álcool. São Paulo (SP), Brasil, 2015

Assim, é importante destacar os contextos tradicionais nos quais os povos indígenas consomem o álcool e até outras drogas, pois muitos estudos até enfatizam o uso positivo e coletivo das substâncias psicoativas.

Nas aldeias as bebidas alcólicas são consumidas por diferentes motivos e os índios aprendem esse costume seguindo os valores e comportamentos conforme o grupo ao qual pertencem¹⁵. O uso tradicional que acontecia antes da colonização e persiste até os dias atuais em algumas aldeias é aquele utilizado em cerimônias religiosas, comemorações, colheitas e trabalhos comunitários, ocasiões durante as quais é permitido o “beber até cair”. Esse comportamento, no entanto, é tido como aceitável quando o consumo se encerra ao findar das festividades e este uso difere da dependência que ocasiona desagregação e consequências ruins.¹⁸

Contextualizando o uso do álcool e de outras drogas em comunidades indígenas, vê-se que ele é utilizado de maneira diferenciada em relação aos demais povos.³ Estudos mostram que os indígenas usam o álcool em situações de consumo coletivo, como as festas e trabalhos comunitários, ou seja, ocasiões culturalmente adequadas ao uso. Entretanto, os contatos interétnicos fizeram com que o uso tomasse outras proporções, tornando o consumo muitas vezes abusivo. Diferenciando-se do trabalho que antes era feito entre famílias com um propósito comum, no caso ajudar numa tarefa em comum, hoje os casamentos, batizados, aniversários, trabalhos comunitários (limpeza das aldeias, reforma de escolas, instalação elétrica, etc.) têm como principal para a participação do grupo nas atividades a oferta de bebidas. Atualmente, a cachaça muitas vezes é a forma de pagamento de trabalhos comunitários, evidenciando-se assim mudanças na forma de beber e a existência da bebida alcóolica como substância presente no cotidiano das aldeias.

O álcool é o principal motivo para a participação da comunidade em eventos como jogos de futebol e bailes, pois quando se confirma a existência da bebida alcóolica

nestes eventos existe a certeza da presença dos indígenas. E quando as lideranças consentem o consumo nessas ocasiões, o uso “estigmatizante” é amenizado. Também se utilizam em trabalhos da roça, os chamados “puxirões”, ou seja, plantios coletivos, além de outras situações mais específicas como acalmar uma criança em desespero e situação de nervosismo.¹⁹

Deste modo, não se pode pensar no uso do álcool pautado apenas no uso negativo, pois é notório que apesar dos malefícios causados ainda se tem a questão cultural que está fortemente relacionada aos padrões de consumo. Além disso, existe uma grande variedade de contextos nos quais os indígenas fazem uso do álcool e das demais drogas e cada um deles tem suas peculiaridades.

CONCLUSÃO

A partir da descrição dos problemas relacionados ao uso do álcool, que perpassam pelo alcoolismo e a hegemonia do modelo biomédico e, bem como pelo processo de alcoolização, que engloba um conceito mais amplo, é possível realizar uma reflexão sobre o consumo de bebidas alcólicas em comunidades indígenas e ressaltar a importância de medidas preventivas e o tratamento de problemas envolvendo o álcool. No entanto, antes de tudo, faz-se necessário considerar que esse consumo é resultado da interação da substância, da disposição psicológica e, nas comunidades indígenas, principalmente do contexto do consumo.

Assim, a prevenção e o tratamento não são de responsabilidade única das comunidades indígenas e sim de todos os órgãos envolvidos na questão, inclusive os profissionais de saúde, como os enfermeiros, que mantêm grande contato com esta clientela tanto dentro quanto fora das aldeias. É de suma importância que cada órgão e profissional envolvido considerem o significado de “alcoolização” a partir das referências culturais e não apenas pautado no modelo organicista e reducionista do patológico.

À luz deste contexto, é válida esta reflexão para quicá elaborar um modelo de atendimento às pessoas com problemas relacionados ao álcool, bem como para a capacitação da equipe para que possa compreender os aspectos socioculturais e atuar tanto na prevenção como no tratamento de casos de consumo abusivo e problemas relacionados ao álcool.

REFERÊNCIAS

1. Souza JA, Aguiar JI. O alcoolismo em população Terena no Estado do Mato Grosso do Sul: impacto da sociedade envolvente. In: Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde (org), Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Povos Indígenas da Macrorregião Sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul; 2001. 149-165
2. Santos RV, Coimbra Jr. CEA. Cenários e tendências da saúde e da epidemiologia dos povos indígenas no Brasil. In: Coimbra Jr. CEA, Santos RV, Escobar AL, et al. Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003. p. 13-47
3. Souza MLP, Garnelo L. When, how, and what to drink: alcoholism among Indian peoples in the Upper Rio Negro, Brazil. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2007 July [cited 2015 Apr 30];23(7):1640-1648. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000700015>
4. Viertler RB. Alcoolismo entre os Bororos. In: Canesqui AM (org). Ciências sociais e saúde para o ensino médico. São Paulo:Hucitec (Saúde em Debate), 2000.p.243-261
5. Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Relatório brasileiro sobre drogas; (org): Duarte P, Stempluk VA, Barroso LP. Brasília, 2009.
6. Dias LF. Consumo de bebidas alcólicas entre os povos indígenas do Uaçá. In: Souza MLP. Processo de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. p.107-124
7. Oliveira RCC, Sá LD, Silva AO, Vianna RPT, Lima AS, Oliveira AAV. Representações sociais sobre saúde e doença construídas por índios Potiguara. *J Nurs UFPE on line* [Internet].. 2016 Mar [cited 2016 Mar 24];10(3):940-948. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/m/index.php/revista/article/view/8702/pdf_9804
8. Melo JRFD, Maciel SC, Oliveira RCC, Silva AO. Implicações do uso do álcool na comunidade indígena Potiguara. *Physis* [Internet]. 2011 [cited 2015 Mar 23];21(1);319-333. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000100019>
9. Assis LPS. Da cachaça à libertação: mudanças nos hábitos de beber do povo Dâw no Alto Rio Negro. *Revista Antropos* [Internet]. 2007 Nov [cited 2015 Apr 23];1(1):1-73. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000142&pid=S1414-9893201200010000800001&lng=pt
10. Fortes JR. Diagnóstico do alcoolismo. In: Alcoolismo: diagnóstico e tratamento. São Paulo: Sarvier, 1991.
11. Langdon EJ. O que beber, como beber e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas. In: Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde (org), Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Povos Indígenas da Macrorregião Sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul; 2001. 83-97
12. Guimarães LAM, Grubits S. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. *Psicol Soc* [Internet]. 2007 Jan/Apr [cited 2015 May 12];19(1):45-51. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100007>
13. Pena JL. Os índios Maxakali: a propósito do consumo de bebidas de alto teor alcoólico. *Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio)*. In: Souza MLP. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005;p. 99-121
14. Coimbra Jr CEA, Santos RV. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva* [Internet]. 2000 [cited 2015 Apr 30]; 5(1):125-132. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100011>
15. Langdon EJ. O abuso de álcool entre os povos indígenas no Brasil: uma avaliação comparativa. In: Souza MLP. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005;p. 103-124
16. Gigliotti A, Bessa MA. Alcohol dependence syndrome: diagnostic criteria. *Rev. bras. Psiqu* [Internet]. 2004 May [cited 2015 May 12];26(1):11-13. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000500004>
17. Souza MLP, Garnelo L. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. *Rev*

Latinoam Psicopat [Internet]. 2006 Jun [cited 2015 May 12]; 9(2):279-292. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017559007>

18. Oliveira MD. Alcoolismo entre os Kaingáng:do sagrado e lúdico à dependência. In: Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde (org), Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Povos Indígenas da Macrorregião Sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul; 2001. 99-125

19. Ghiggi junior A, Langdon EJ. Reflections on intervention strategies with respect to the process of alcoholization and self-care practices among Kaingang indigenous people in Santa Catarina State, Brazil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2014 June [cited 2015 Apr 29];30(6):1250-1258. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00108613>

Submissão: 24/03/2016

Aceito: 05/01/2017

Publicado: 01/02/2017

Correspondência

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco
Coordenação do Curso de Enfermagem
Universidade Federal do Amapá-UNIFAP
(Campus Binacional)
Rodovia BR 156, nº 3051 - KM 01
CEP: 68900-000 – Oiapoque (AP), Brasil